

# ANTROPOLOGIA PORTUGUESA

Neste número

*Práticas Artísticas na Modernidade*

*Um Encontro sobre  
Antropologia das Artes*

Vol. 11  
1993

---

DEPARTAMENTO DE ANTROPOLOGIA  
UNIVERSIDADE DE COIMBRA

Aromas de Urze e de Lama  
Viagem de um antropólogo ao Alto Minho

João de Pina Cabral  
Lisboa: Fragmentos, 1992, 177 pp.

“Aromas de urze e de lama...” O verso que serve de título ao livro de João de Pina Cabral foi extraído do poema *Povo*, um dos mais belos de Pedro Homem de Mello. Cada estrofe do poema quase logra conduzir-nos a um sentimento de fusão com esse “povo” que canta: “Aromas de urze e de lama / Dormi com eles na cama / Tive a mesma condição”. Mas o estribilho, sincopadamente repetido no último verso de cada estrofe, vai matando o êxtase romântico ao afirmar a impossibilidade de uma tal identidade liminar: “Vejo uma fotografia / Mas a tua vida não”.

Apesar de, ou precisamente por causa de, ser um poeta do “povo” (“povo” que incorpora tanto na temática como frequentes vezes no estilo da sua poesia) sem ser um “poeta popular”, Homem de Mello experimenta e revela-nos a sua incapacidade de *ser como eles*, coisa que o angustia. Nem a íntima comunhão física e sensorial o faz sentir parte do povo que endeusa – porque é fruto de uma vontade em vez de acto reflexo. A angústia de Homem de Mello pode ser lida como resultado de um pressuposto moderno – a possibilidade de conhecer “a verdade” objectiva – levado às últimas consequências – a de se apossar existencialmente dela. As coisas, porém, só podem ser existencialmente verdadeiras para quem não necessita de pensar sobre elas.

Como a poesia de Homem de Mello, o livro de João de Pina Cabral é, parcial e aparentemente, um discurso sobre o povo, na medida em que grande número das suas personagens são camponeses. Mas na realidade aquilo de que

ambos falam é de experiências ego-centradas, realidade que para Homem de Mello é um desapontamento, para Pina Cabral o ponto de partida.

Em 1989, no prefácio à edição portuguesa de *Filhos de Adão, Filhas de Eva*, versão da sua tese de doutoramento em Antropologia Social, Pina Cabral anunciava da seguinte maneira o livro que agora veio a prelo:

*Com a passagem dos anos, fui sendo tomado cada vez mais pelo desejo de fazer uma segunda narrativa deste meu ‘descobrimento’ – mais emocional, mais ficcional, mais... verdadeira. Há verdades diferentes. A da ciência é megalómana, a da ficção também, mas mais subtil. Quis experimentá-la.*

*Aromas de Urze e de Lama, um livro que espero cedo esteja acessível ao público, é um esforço de captar uma verdade mais íntima e, portanto, moralmente mais ambígua e menos subjectivizante. (1989:18)*

O “descobrimento” que gerou ambos os livros foi o das aldeias camponesas da Ribeira Lima onde o autor realizou trabalho de campo. As “verdades” de cada um são diferentes. A da tese, constrangida pela tradição académica da escrita etnográfica, é uma “verdade megalómana”: “como só apresentamos aquilo que conseguimos interpretar (ou pensamos conseguir interpretar), acabamos por assumir uma pose de omnisciência” (1989:17). A de *Aromas de Urze e de Lama* é, nas palavras do seu autor, “... a verdade da catálise efectuada em mim pelo Alto Minho” (1992:9). Ou seja, a verdade é o descobrimento que, por nunca acabar, tanto amargura Homem de Mello.

Neste “ensaio de etnopoética” (1992:5), a interpretação e a explicação ausentam-se e dão lugar à descrição: de pessoas e lugares, de episódios que envolveram o autor enquanto actor e de outros em que ele se viu envolvido apenas na qualidade de ouvinte. Estas descrições nunca são verdadeiras (não porque sejam falsas, mas porque a verdade não existe), e um dos maiores méritos do livro é o de reiterar constantemente a ficcionalidade daquilo que narra, negando em cada página a possibilidade de um realismo etnográfico.

O narrador não é todo ouvido, é uma entidade que afecta as mensagens que apreende, tanto de uma forma activa, pelo facto de as sentir e de pensar e escrever sobre elas, como de uma forma passiva, pelo simples facto de existir naquele dia, naquele lugar, com aquelas pessoas que fccionam pedaços do seu mundo em função da sua presença.

*A história que vou contar foi-me contada assim. ...Foi isto... que a Sãozinha quis que eu acreditasse, foi isto que ela quis que eu transmitisse. (1992:109)*

*Se alguém quiser saber “a verdade” sobre o que aconteceu à Celeste a propósito do pai dela, o melhor é não lhe perguntar, porque ela tem uma imaginação prodigiosa, não tem muito em que ocupar a sua mente, e nunca conta uma história da mesma forma duas vezes seguidas. (1992:87)*

Os conteúdos dos discursos são determinados pelas circunstâncias que afectam a sua enunciação. No livro, como na vida, não há verdades ingénuas, há unicamente ficções, ou seja, intenções. A voz do narrador funde-se, muitas vezes de forma “natural”, sem correr ao artifício da citação, com as vozes dos “nativos” – através do estilo, do vocabulário. Esta polifonia narrativa consegue transmitir com grande verossimilhança ao leitor o efeito catalítico – para citar a metáfora química que o autor emprega – que a experiência de campo produziu sobre ele. O leitor antropólogo de profissão ou de espírito reconhece aqui situações e sentimentos por que já terá passado durante o seu trabalho de campo. O leitor familiarizado com o Alto Minho reconhece personagens, tipos sociais e a “alma” de um povo, coisa que ninguém pode – ou sabe? – escrever numa monografia antropológica.

Em *Filhos de Adão, Filhas de Eva* pudémos entender vários aspectos estruturantes da vida social do Alto Minho. Em *Aromas de Urze e de Lama* conseguimos sentir.

*João Vasconcelos*